



# A chegada no Jequitinhonha

Apresentação e edição: Valéria de Paula Martins

Masterização: Leobaldo Prado

Transcrição dos episódios: Vitória Brasileira

Como dizia o senhor Bernardo – Bernardino Lopes de Caldas, agricultor, cantador, e um querido interlocutor da pesquisa que realizei no Médio Jequitinhonha –, “tudo, pra fazer, tem que ter início”.

Então inicio esse primeiro episódio da primeira temporada do *Sensibilidades Antropológicas* contando como cheguei ao campo. Antes, falo um pouquinho sobre o lugar, temática que eu vou explorar em outros episódios.

E ainda antes, no início do início, faço uma pequena observação: como eu disse na apresentação do podcast e da temporada, trago aqui uma narrativa de uma experiência pessoal.



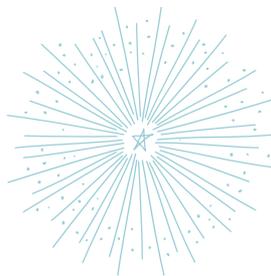
E, na Antropologia a gente sabe que constrói conhecimentos a partir das relações que estabelece em campo, com nossas interlocutoras e interlocutores.

A diferença, talvez, aqui no podcast, é que eu não vou me preocupar em ancorar esses conhecimentos em outros pensadores e pensadoras que não as interlocutoras e interlocutores da pesquisa, como a gente faz em nossas monografias, dissertações e teses. Isso pode acontecer, mas não vai ser minha preocupação.

Eu vou contar histórias. Lembrar de pessoas, mencionar situações, falar de aprendizados.

E, como disse, espero que elas possam fazer sentido e quem sabe contribuir, de alguma forma, com pessoas interessadas em discussões da área.

Bom, vamos então pro nosso primeiro episódio.



No sítio eletrônico [poeticasdaterra.org](http://poeticasdaterra.org), na página do Sensibilidades Antropológicas, é possível encontrar algumas imagens associadas a este episódio e também a própria transcrição dele.

Esse minipodcast faz parte da Rede Kere-Kere de podcasts em antropologia, que você pode conhecer – juntamente com vários outros podcasts - pelo sítio eletrônico [radiokere-kere.org](http://radiokere-kere.org)

Meu nome é Valéria de Paula Martins, eu sou antropóloga e professora no Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia

som do correr das águas de um rio  
volume abaixa enquanto a narração reinicia

O rio Jequitinhonha nasce em Minas, e se torna mar na Bahia.

São 920 quilômetros de extensão saindo das terras do Serro até chegar às imediações da cidade baiana de Belmonte.

*Sensibilidades Antropológicas*  
*suspiros sonoros com inspiração na arte de fazer antropologia*



Nos próximos episódios eu vou trazendo questões mais específicas relativas às relações dos habitantes da região - no caso, as interlocutoras e interlocutores da pesquisa - com o ambiente - a terra, a água, e outras, como o trabalho, parentesco, além de outros elementos das relações históricas do Estado com a região.

É o que vou apresentar a vocês, comecei aprendendo lá mesmo, quando cheguei à região no ano de 2002. Portanto, há 19 anos atrás, para trabalhar a partir de uma ong internacional, com sede brasileira em Belo Horizonte.

Era um trabalho de assessoria voltado às chamadas tradições locais - brinquedos e brincadeiras materiais e imateriais: bonecas de pedra ou sabugo de milho, piões e outros brinquedos do mato, danças, músicas, festas.

Foram três anos percorrendo muitos trajetos no Jequitinhonha, especialmente comunidades rurais e algumas pequenas cidades.



O tempo passou e em 2007 ingressei no mestrado em Antropologia na Universidade de Brasília.

A seleção exigia um ensaio etnográfico, que eu estava descobrindo o que era (eu tinha feito graduação em Comunicação Social, e tinha começado a cursar uma matéria de Antropologia, mas foi um período de greve, em que eu consegui um estágio no centro cultural da UFMG, com uma bolsa, que fazia diferença na minha permanência em BH. Depois do retorno das aulas, eu não pude então retornar pra essa matéria, que era ofertada no horário do meu estágio).

Mas... eu continuei minha paquera com a Antropologia, e então antes da seleção na UnB cursei algumas matérias na área, agora na Universidade Federal de Uberlândia, minha terra natal, para me aproximar mais dos termos, conceitos, e discussões antropológicas.

Eu não sabia que tinha feito algum trabalho de campo enquanto atuava na ong.

*Sensibilidades Antropológicas*  
*suspiros sonoros com inspiração na arte de fazer antropologia*

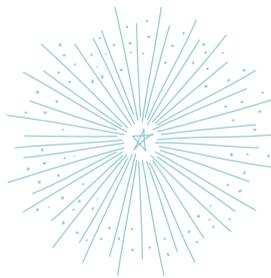


Não sabia o quanto tinha observado e se poderia dizer algo relevante sobre aquelas danças coletivas musicais que tanto me encantavam, e que foram o tema do meu ensaio etnográfico. Só percebi no processo de elaboração e escrita do ensaio.

Essa experiência já começou a me ensinar sobre a Antropologia – foi então um pequeno rito de iniciação à área: percebi que o fazer antropológico é delineado por modos de percepção, não só racionais, ou necessariamente reflexivos, e não só do olhar, mas do ouvir, sentir, e, no meu caso, também do cantar e dançar junto.

Quando entrei no mestrado, em algumas aulas, durante alguns momentos, eu ficava emocionada por sentir que tinha encontrado um certo lugar pra mim no mundo, pessoas com quem eu compartilhava alguns desses modos de perceber, conhecer.

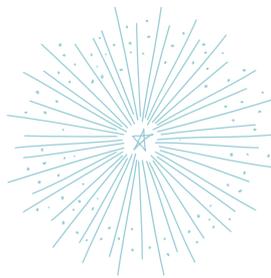
Perdi meu pai, amado, no segundo semestre do curso. E com aquele contato com a morte quase mudei meu tema de pesquisa. Eu tinha a intenção de realizar um trabalho a partir das danças



coletivas musicais no Jequitinhonha, mas cheguei a pensar e iniciar um levantamento bibliográfico acerca de cantos de encomendação de almas.

Depois de um tempo, percebi que precisava, de certo modo, cultivar a vida em mim e decidi seguir com o tema que ainda me trazia alegria.

Sempre falo isso para as minhas orientandas e orientandos, e compartilho aqui também: é preciso amar o tema que a gente escolhe pesquisar. E que seja, de algum modo, um tema que nos faça bem no sentido de nos provocar a seguir adiante, nos interpelar, nos aguçar a imaginação. Não só amor, mas um certo arrebatamento... Esses sentimentos vão nos apoiar no decorrer da realização da pesquisa e talvez especialmente no processo de conclusão, que demanda tanto empenho - mesmo que conclusões sejam sempre parciais.



Agora, antes de finalizar, um comentário sobre como cheguei ao vilarejo da vargem do Machado, homônimo ao córrego que corre nas imediações.

Eu procurava, no Jequitinhonha, alguma localidade que eu ainda não conhecesse e onde eu não tinha atuado antes. É que o trabalho de assessoria que eu tinha realizado buscava, de certa forma, fomentar aquelas festas tradicionais, brinquedos e brincadeiras tangíveis e intangíveis, que eram aprendidos e ensinados ao longo de gerações.

Então eu buscava um lugar onde não houvesse tido, diretamente, esse fomento, ou especialmente que ele não tivesse se dado a partir do meu trabalho e atuação anteriores à pesquisa.

Peguei o número do telefone público – orelhão, na época – de várias comunidades no sindicato de produtores rurais com sede na querida Araçuaí e fui fazendo os telefonemas.



Na maioria das localidades, eles não brincavam mais as chamadas brincadeiras de viola, as danças coletivas musicais.

Eu estava quase desanimando quando liguei no Machado. Foi com o senhor Eurico, um velho agricultor, com quem conversei primeiro. Ele me disse que todo ano faziam uma festa para o padroeiro local, Bom Jesus. E quando perguntei das brincadeiras, ele falou: “tem Nove, você conhece, entende dessas coisas, pode te falar?”.

Eu conhecia o nove como uma dança, e fui descobrir lá um outro sentido pro termo: o de um encontro, noturno, que reúne velhos, crianças e adultos, e que abarca, além do nove, uma série de outras danças coletivas.

Em seguida conversei com o compadre do Sr. Eurico, o senhor Valdomiro, um velho cantador, e depois com Nair, uma cantadeira exímia, filha do senhor Valdomiro, e integrante da Associação Comunitária local.



Expliquei a ela sobre o meu interesse de pesquisa, disse que teria que ficar hospedada no próprio local, ajudando, obviamente, nas despesas, e pedi que pensassem a respeito, que verificassem numa reunião da Associação Comunitária, essa possibilidade. Ela disse que veria isso então.

Quando liguei algum tempo depois, Nair me disse: “você vai ficar na casa do Sr. Eurico”.

Eu perguntei: “deu tudo certo, então?”

Ela: “deu, você vai ficar na casa dele”.

“E o que o pessoal achou de eu fazer a pesquisa?”, eu perguntei

“Achou bom”, ela disse.

Nair pediu então que eu ligasse avisando que chegaria: “se você vier amanhã, você liga como que hoje”.



Assim eu fiz.

E cerca de duas semanas depois, numa quinta-feira pós-carnaval, já em 2008, eu chegava a Araçuaí, a cerca de 45 quilômetros de Machado.

Na fila do ônibus que nos levaria ao vilarejo, aquela moça veio se aproximando de mim, me olhando, e me perguntou: “Você é a Valéria?”. Eu disse que sim e confirmei: “Você é a Nair?”

som do correr das águas de um rio  
volume aumenta ao final da narração